

Esta história é trazida a você por [Ririro.com/pt](http://Ririro.com/pt) gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



# Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

## Maya, a abelha, se mete em problemas (7/17)

Depois de conhecer Puck, a mosca, Maya não ficou muito feliz. Ela simplesmente não conseguia acreditar que ela estava certa sobre tudo o que disse sobre os humanos ou que tudo o que ela experimentou com os humanos era verdade. Ela tinha uma imagem muito mais agradável e bonita dos humanos em sua cabeça. Ela não queria que aquela imagem fosse mudada por acreditar em todas essas ideias ridículas sobre a humanidade. No entanto, ela ainda estava com um pouco de medo de entrar em uma casa. Como ela poderia saber se o proprietário gostaria de sua visita ou não? Mas ela se certificaria de que ninguém fosse incomodado por ela. Ela pensou nas coisas que Cassandra disse a ela. "Os humanos são bons e sábios," dissera Cassandra. "Eles são fortes e poderosos, mas nunca abusam de seu poder. Pelo contrário, onde quer que vão, trazem ordem e prosperidade. Nós, abelhas, sabendo que eles são nossos amigos, nos colocamos sob sua proteção e compartilhamos nosso mel com eles. Eles deixam o suficiente para nós durante o inverno. Oferecem-nos abrigo do frio e protegem-nos de outros animais hostis. Existem poucas criaturas no mundo que fizeram tal amizade com os humanos e trabalham voluntariamente para os humanos. Entre os insetos, fala-se muito mal dos

humanos. Não de ouvidos a eles. Se uma cidade de abelhas tentar tolamente retornar à natureza e tentar ficar sem humanos, a cidade perecerá rapidamente. Existem muitos animais que anseiam por nosso mel e, muitas vezes, uma cidade inteira de abelhas, todos os seus edifícios e todos os seus habitantes são impiedosamente destruídos. Um ato inútil, só porque um animal quer saciar sua fome de mel.”

Isso é o que Cassandra disse a Maya sobre os humanos, e até que Maya se convencesse do contrário, ela queria manter essa crença nos humanos. Já era tarde. O sol estava se pondo atrás das árvores frutíferas da grande horta por onde Maya voava. As árvores há muito pararam de florescer, mas a abelhinha ainda se lembrava do esplendor radiante de inúmeras flores. O perfume delicioso, a luz e o brilho – ah, ela nunca esqueceria como aquilo era lindo. Enquanto voava, ela pensava em como toda aquela beleza voltaria na primavera, e seu coração batia de prazer e alegria por ela poder voar em um mundo tão bonito. No final do jardim, o jasmim



estava em plena floração com grandes plumas. As flores tinham rostos amarelos com uma coroa de branco puro. Eles tinham um cheiro deliciosamente doce enquanto Maya flutuava em uma brisa suave.

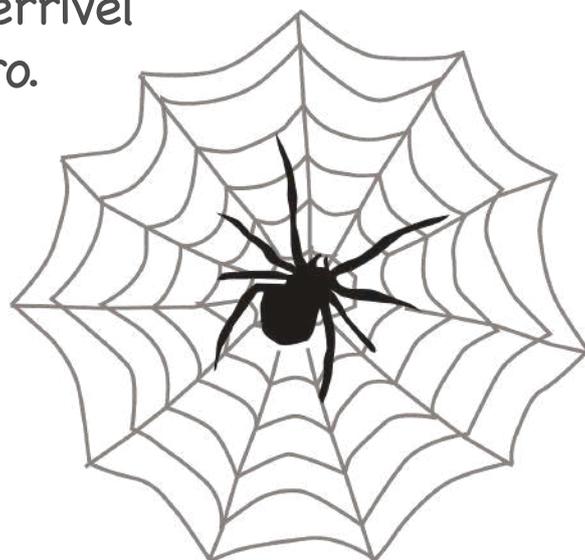
Ela voou entre os caules dos arbustos de amora que produziam bagas verdes e flores ao mesmo tempo. Mas quando ela decolou novamente para voar mais longe, algo estranho de repente caiu em sua testa e ombros, e também cobriu rapidamente suas asas. Foi a sensação mais estranha de todas, como se suas asas estivessem aleijadas e ela de repente fosse impedida de voar e caísse impotente.

Uma força invisível e malévola parecia estar segurando seus braços, pernas e asas. Mas ela não caiu. Embora ela não pudesse mais mover suas asas, ela ainda pairava, balançando, no ar. Ela subiu um pouco, depois desceu um pouco, depois foi jogada para lá, depois para o outro lado. Era como se ela fosse uma folha solta ao vento.

Maya estava angustiada, mas ainda não realmente apavorada. Por que ela estaria? Ela não sentiu nenhuma dor ou desconforto de qualquer tipo. Era apenas muito peculiar, tão peculiar, que algo terrível parecia estar à espreita no escuro.

Mas ela tinha que continuar voando. Se ela tentasse muito, certamente conseguiria.

Mas agora ela via um fio prateado e elástico sobre seu peito, mais fino que a seda mais fina. Ela ficou fria de medo e rapidamente o agarrou. Mas ele se agarrou a sua mão e ela não conseguiu se livrar dele. E havia outro fio de prata sobre seus ombros. O fio cobria suas asas e as



unia, suas asas eram impotentes. E ali, e ali! Por toda parte no ar, e acima e abaixo de seu corpo, haviam aqueles fios peculiares, brilhantes e pegajosos! Maya gritou de horror. Agora ela sabia! Oh, oh, agora ela sabia! Ela foi pega em uma teia de aranha.

Seus gritos aterrorizados ecoavam no ar tranquilo do verão, onde o sol transformava o verde das folhas em ouro, insetos voavam de um lado para o outro e pássaros voavam alegremente de árvore em árvore. Perto dali, o jasmim espalhava pelo ar seu delicioso perfume, o jasmim que ela queria alcançar... Agora estava tudo acabado. Uma borboletinha azulada, com manchas marrons brilhando como cobre nas asas, passou voando. "Oh, pobre alma," exclamou a borboleta ao ouvir os gritos de Maya e ver seu estado desesperador. "Que sua morte seja fácil, querida criança. Eu não posso te ajudar. Um dia, talvez esta noite, sofrerei o mesmo destino. Mas enquanto isso, a vida ainda é deliciosa para mim. Adeus! Não se esqueça de pensar na luz do sol durante o sono profundo da morte." E a borboleta azul voou para longe, regozijando-se com o sol, as flores e sua própria alegria de viver.

Lágrimas escorriam dos olhos de Maya e ela perdeu a compostura. Ela jogou seu corpo cativo para frente e para trás, zumbiu o mais alto que pôde e gritou por socorro. Mas quanto mais ela se movia, mais apertada ficava emaranhada na teia. Agora, nessa grande miséria, os avisos de Cassandra passaram por sua cabeça: "Cuidado com a aranha e sua teia. Se nós, Abelhas, cairmos no poder da aranha, sofreremos a morte mais

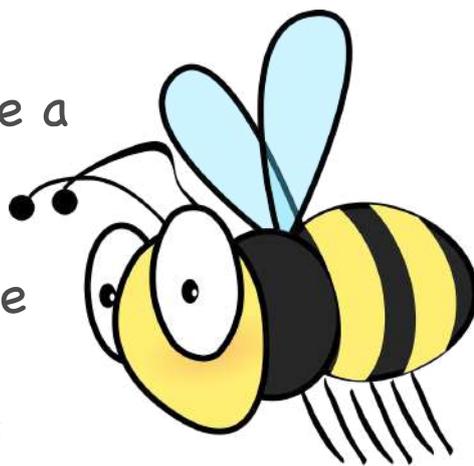
terrível. A aranha é impiedosa e astuta e, uma vez que prende alguém em sua teia, nunca mais o solta.”

Em seu terror, Maya fez uma última tentativa desesperada de se libertar. E em algum lugar, um dos fios longos e pesados se partiu. Maya sentiu que se quebrava, mas ao mesmo tempo sentia a terrível teia de aranha por toda parte. É assim que funciona uma teia de aranha, quanto mais se luta nela, mais eficaz e perigosa ela se torna. Então ela desistiu, completamente exausta. Nesse momento, ela viu a própria aranha, bem perto, debaixo de uma folha de amora. Ao ver o grande monstro, imóvel e sério, agachado como se estivesse pronto para atacar, o horror de Maya aumentou ainda mais. Os olhos perversos e brilhantes olhavam, com fria paciência, para a abelhinha.

Maya soltou um grito alto de medo. Este foi o pior de tudo. A própria morte não poderia parecer pior do que aquele monstro cinza e peludo com suas presas perversas e pernas levantadas sob seu corpo grosso. A aranha viria correndo para ela e então tudo estaria acabado. De repente, Maya ficou terrivelmente zangada, pior do que nunca. Ela esqueceu seu grande medo da morte e se concentrou em apenas uma coisa, vender sua vida o mais caro possível. Ela soltou um grito de guerra alto, claro e alarmante que todas as criaturas conheciam e temiam.

“Você pagará por sua astúcia com a morte”, ela gritou para a aranha. “Venha e tente me matar, vá em frente, você logo descobrirá do que uma Abelha é capaz.”

A aranha não recuou. Ela havia assustado criaturas maiores do que a pequena Maya. Forte em sua raiva, Maya agora fez outra tentativa violenta e desesperada de se libertar e... Um dos longos fios pendurados acima dela quebrou. A teia provavelmente foi feita para moscas e mosquitos, não para insetos tão grandes como as abelhas. Mas Maya só ficou mais enredada na rede. Em um movimento deslizante, a aranha chegou bem perto de Maya. Ela balançou suas pernas ágeis em um único fio e pendurou com o corpo reto para baixo.



"O que lhe dá o direito de quebrar minha teia?" ela murmurou para Maya. "O que você está fazendo aqui? O mundo não é grande o suficiente para você? Por que você está incomodando uma reclusa pacífica como eu?" Isso certamente não era o que Maya esperava ouvir.

"Não era minha intenção", ela gritou, mas com um vislumbre de esperança. Por mais feia que fosse a aranha, ela não parecia estar planejando nenhum mal.

"Eu não vi sua teia e fui pega nela. Eu sinto muito. Por favor, dê-me licença."

A aranha se aproximou.

"Você tem um corpinho engraçado", disse ela, soltando o fio com uma perna, depois a outra. O fio fino tremeu. Que extraordinário que um fio tão fino possa suportar uma criatura tão grande!

"Ah, por favor, me ajude a sair daqui", implorou Maya.

"Eu ficaria muito grata."

“É por isso que estou aqui,” disse a aranha, sorrindo estranhamente. Apesar de todos os seus sorrisos, ela parecia má e enganosa. “Sua luta está arruinando toda a minha teia. Apenas fique quieta por um segundo e eu a libertarei.

“Ah, obrigada! Agradeço antecipadamente!” Maya exclamou.

A aranha estava agora muito perto dela. Ela examinou cuidadosamente a teia para ver como Maya estava emaranhada.

“E quanto ao seu ferrão?” ela perguntou.

Oh, como ela parecia mesquinha e hedionda! Maya estremeceu ao pensar na aranha tocando-a, mas respondeu da forma mais gentil que pôde: “Não se preocupe com meu ferrão. Vou puxá-lo para dentro e ninguém poderá se machucar nele.

“Espero que não”, disse a aranha. “Agora, cuidado! Fique quieta. Caso contrário, é um desperdício da minha teia.” Maya permaneceu quieta. De repente, sentiu-se sendo jogada para frente e para trás no mesmo lugar, até que ficou tonta e enjoada e teve que fechar os olhos. O que está acontecendo? Ela rapidamente abriu os olhos. Ela estava completamente enredada em um novo fio pegajoso que a aranha devia ter com ela.

“Meu querido Deus!” a pequena Maya chorou baixinho, com a voz trêmula. Foi tudo o que ela disse. Agora ela via como a aranha tinha sido má. Ela havia caído nessa e agora não havia absolutamente nenhuma chance de escapar. Ela não conseguia mover nenhuma parte do corpo. Seu fim estava realmente próximo agora. Sua

raiva se foi, havia apenas uma grande tristeza em seu coração.

"Não sabia que havia tanta mesquinhez e maldade no mundo", pensou ela. "A noite escura da morte está esperando por mim. Adeus, querido sol brilhante. Adeus, minhas queridas Abelhas. Por que eu as deixei? Desejo-lhes uma vida feliz, mas, infelizmente, vou morrer".

A aranha estava em guarda, um pouco para o lado. Ela ainda estava com medo do ferrão de Maya.

"Bem, bem, e agora," ela zombou. "Como você está se sentindo, garotinha?"

Maya era orgulhosa demais para responder à falsa criatura. Depois de um tempo, ela apenas disse, quando sentiu que não aguentava mais: "Por favor, apenas me mate agora."

"Realmente!" disse a aranha e amarrou alguns fios rasgados juntos. "Realmente! Você acha que eu sou um animal tão louco quanto você? Você vai morrer de qualquer maneira, se ficar por aqui tempo suficiente, e é aí que eu vou sugar o seu sangue, quando você não puder me ferrear. Se você pudesse ver o quão terrivelmente danificou minha teia, então você perceberia que merece morrer."

Ela caiu no chão, colocou a ponta do fio recém-fiado em volta de uma pedra. Então ela correu de volta, agarrou o fio no qual a pequena presa Maya estava pendurada e arrastou sua cativa junto.

"Vou colocar você na sombra, querida", ela disse, "para que você não seque aqui ao sol. Além disso, pendurada aqui, você parece um espantalho. Você assusta outros mortais que não estão prestando atenção para onde

estão indo. Às vezes, os pardais vêm e invadem minha teia. A propósito, meu nome é Thekla, sou parente de aranhas cruzadas. Não precisa me dizer seu nome. Não faz diferença. Você é uma Abelha boa e gorda e terá um sabor deliciosamente tenro e suculento.”

Então lá estava a pequena Maya pendurada na sombra do arbusto de amora, perto do chão, completamente à mercê da aranha cruel, que queria deixá-la morrer por uma morte lenta de fome. Com a cabeça baixa – uma posição desconfortável para estar – ela logo sentiu que não levaria muitos minutos. Ela choramingou baixinho, e seu grito de socorro ficou cada vez mais fraco. Quem poderia ouvi-la agora? Sua colônia de abelhas não sabia nada sobre esse desastre, então eles não poderiam ajudá-la. De repente, ela ouviu alguém rosnando na grama: “Afastese! Estou chegando.”

O coração de Maya começou a bater rápido. Ela reconheceu a voz de Bobbie, o besouro.

“Bobbie”, ela gritou o mais alto que pôde, “Bobbie, querido Bobbie!”

“Saia do caminho! Estou chegando.”

— Mas não estou no seu caminho, Bobbie — gritou Maya.

“Não, estou pendurada acima de sua cabeça. A aranha me pegou.

“Quem é você?” perguntou Bobbie. “Tantas pessoas me conhecem. Você sabe disso, não é?”

“Eu sou Maya – Maya, a Abelha. Oh, por favor, me ajude, por favor!”

“Maya? Maya? – Ah, agora eu me lembro. Você me conheceu há algumas semanas. Você está em péssimo estado, se assim posso dizer. Você certamente precisa da

minha ajuda. Como por acaso tenho um pouco de tempo, não vou recusar.

"Oh, Bobbie, você pode rasgar esses fios?"

"Rasgar? Esses fios? Não me insulte. Bobbie flexionou os músculos do braço. "Olhe para os músculos duros como aço. Posso fazer muito mais do que quebrar algumas teias de aranha. Você vai ver."

Bobbie rastejou até a folha, agarrou o fio no qual Maya estava pendurada, agarrou-se a ele e depois soltou a folha. O fio se partiu e os dois caíram no chão.

"Este é apenas o começo", disse Bobbie. — Mas Maya, você está tremendo. Minha querida criança, por que você tem tanto medo da morte? Você deve olhar a morte calmamente nos olhos, assim como eu. Então vou tirar você daqui agora.

Maya não conseguia falar. Lágrimas de felicidade rolaram por suas bochechas. Ela seria livre novamente, voaria ao sol, voaria para onde quisesse. Ela viveria de novo! Bobbie libertou Maya da teia de aranha. Mas então ela viu a aranha descer ao longo do arbusto de amora.

"Bobbie", ela gritou, "a aranha está vindo!"

Bobbie continuou calmamente e apenas riu para si mesmo. Ele era realmente um inseto excepcionalmente forte.

"Ela vai pensar duas vezes antes de se aproximar", disse ele.

Mas então a voz maldosa soou acima deles: "Ladrões! Ajudem! Estou sendo roubada. Seu gordo, seu gordo, o que você está fazendo com a minha presa?"

“Não se preocupe, madame”, disse Bobbie. “Se você disser outra palavra que eu não goste, vou rasgar toda a sua teia em pedaços. Agora, diga-me, por que você está tão quieta de repente?”

“Estou derrotada,” disse a aranha.

“É melhor você sair daqui agora”, comentou Bobbie.

A aranha lançou a Bobbie um olhar cheio de ódio e veneno, mas reconsiderou quando ela olhou para sua teia e lentamente se virou, com raiva, xingando e resmungando. Presas e ferrões eram inúteis. Eles não deixariam nem um traço na casca grossa que os besouros carregavam. Com violentos murmúrios sobre a injustiça do mundo, a aranha se escondeu em uma folha murcha, de onde podia espiar e vigiar sua teia. Enquanto isso, Bobbie libertou Maya. Ele rasgou os fios em torno de suas pernas e asas. O resto ela poderia fazer sozinha. Como ela estava feliz! Mas ela teve que se mover devagar, pois ainda estava fraca com o choque. “Você só precisa esquecer o que passou”, disse Bobbie. “Então você vai parar de tremer. Agora veja se você pode voar. Tente.”

Maya levantou-se com um zumbido suave. Suas asas ainda funcionavam perfeitamente e, para sua grande alegria, ela sentiu que nenhuma parte de seu corpo havia sido ferida. Ela voou lentamente para as flores de jasmim, bebeu avidamente da seiva de mel deliciosamente perfumada e voltou para Bobbie, que havia deixado os arbustos de amora e estava sentado na grama.

"Agradeço de todo o meu coração e alma", disse Maya, profundamente comovida e muito feliz com sua liberdade reconquistada.

"Uma palavra de agradecimento é necessária", disse Bobbie. "Mas sou só eu sendo eu mesmo: sempre faço algo pelos outros. Agora voe para longe rapidamente. Aconselho você a ir para a cama cedo esta noite. Você tem um longo caminho a percorrer?"

"Não", disse Maya. "Não preciso ir muito longe. Eu moro na orla da floresta de faias. Adeus, Bobbie, nunca vou te esquecer, nunca, nunca, enquanto eu viver. Adeus!"